

ESCREVIVÊNCIA POÉTICA E POLÍTICA NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

TAMIRES CARNEIRO DA SILVA

Mestranda em Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE,
tamires.csilva@ufpe.br

MOABIA FERREIRA DOS ANJOS

Especialista em Museus, Identidades e Comunidades – Fundaj, moabia.
albuquerque@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Pensar sobre a atuação das mulheres negras na Literatura Brasileira é pensar sobre uma narrativa histórica que acontece num movimento de resistência, empoderamento e liberdade. Mas é também pensar sobre um longo e insistente processo de silenciamento e apagamento. Não é de hoje que mulheres negras estão escrevendo e reivindicando o lugar de escritora, Maria Firmina dos Reis escreveu o romance *Úrsula*, em 1887. Hoje sabe-se que ela foi a primeira escritora negra do Brasil e ainda assim pouco se sabe sobre essa mulher negra que teve a “audácia” de em pleno regime escravagista escrever um romance abolicionista.

Em 1960 Carolina Maria de Jesus publicou a grande obra *Quarto de Despejo*. Livro traduzido para mais e 13 idiomas e vendido em todo o mundo, chegando a ser vendido em cerca de 40 países, segundo dados do IPHAN. Mesmo com o grande sucesso de sua obra, sendo reconhecida como a escritora que trazia um retrato do Brasil narado de uma forma única e como nunca antes feito, *quarto de Despejo* parece não ter agradado os críticos de literatura brasileira, além de alguns escritores famosos da época, sendo subjugada e colocada como uma literatura de menor valor.

A literatura brasileira, assim como a história, produz um apagamento ocultando os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira. As representações de negritude presentes na literatura brasileira contribuem para a construção de estereótipos que matêm as pessoas negras num imaginário ainda da condição de escravidão e pós abolição. Ao pensarmos nas mulheres negras nesse contexto, a análise se faz ainda mais complexa, pois a literatura como lugar de produção e reprodução simbólica de sentido, se encarrega de instituir uma diferença negativa à mulher negra. Segundo Evaristo (2020, p.220) “a representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral.

Dessa forma, escritoras negras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e tantas outras, assumem o papel de escrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorepresentação. Surge aí uma narrativa sócio histórica que é de si, mas que também é coletiva. A fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. Uma forma de narrar que explicita as aventuras e desventuras de uma dupla condição,

que a sociedade insiste em querer inferiorizada, a de ser mulher e negra, a qual Conceição Evaristo (2020) vai denominar: *escrevivência*.

Compreendendo tal autora como uma das grandes escritoras brasileiras, que ousou e fez o que jamais antes havia sido feito em termos de literatura no Brasil. Narrou de forma por vezes poética, por vezes política o cotidiano de uma mulher negra, mãe, escritora, catadora de papel, residente em uma favela brasileira. Surge a intenção de desenvolver uma atividade que proporcionasse um mergulho na literatura de Carolina Maria de Jesus, levando os participantes a refletir sobre aspectos poéticos e também políticos dessa literatura, reconhecendo-a como uma narrativa histórica e crítica sobre a sociedade. A narrativa do vivido atravessada por todas as relações possíveis à vida de uma mulher negra no Brasil.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A oficina *Escrevivência Poética e Política na Obra de Carolina Maria De Jesus* aconteceu no dia 22 de maio de 2021, no formato remoto através da plataforma Zoom. A atividade fez parte do projeto Escrevivência Poética, idealizado e coordenado por Amanda Pereira criadora do empreendimento Macumbaria Moderna (uma loja virtual que trabalha com produtos e saberes, numa perspectiva ancestral e afrocentrada). O projeto Escrevivência Poética consistiu em uma série de oito oficinas dialogadas sobre escrita e literatura que, tendo como base o conceito de escrevivência desenvolvido pela intelectual e escritora Conceição Evaristo, buscou refletir sobre a escrita enquanto processo de sobrevivência, memória e identidade que constrói e compartilha caminhos e valores ancestrais.

A oficina que discutimos aqui foi destinada as pessoas que previamente realizaram inscrição para participar do ciclo das oito oficinas do projeto, mulheres e homens de diferentes idades que tinham interesse por literatura negra, especialmente pela autora Conceição Evaristo, e que tinham a intenção de desenvolver seus processos de escrita. Todas as oficinas tinham um caráter formativo/reflexivo e pretendiam estimular, além da leitura e contato com autoras e autores negros, o processo de escrita nos participantes.

A oficina *Escrevivência Poética e Política na Obra de Carolina Maria De Jesus*, teve como objetivos: conhecer a autora Carolina Maria de Jesus; refletir sobre a escrevivência poética e política da obra da autora;

estimular nos participantes a possibilidade de escreverem suas próprias escrituras. A oficina teve 4 horas de duração, utilizando enquanto recurso o uma sala on-line no aplicativo Zoom; internet; computador; e slide (contendo imagens da autora de domínio público, trechos de suas obras *Diário de Bitita* e *Quarto de Despejo*).

A oficina inicia com a apresentação daicineira, que fala um pouco de si, de onde vem e do objetivo da atividade que vão desenvolver naquela tarde de sábado. Se pede que os participantes apresentem-se brevemente dizendo o nome e onde está. Nesse momento é lançada uma pergunta reflexiva: onde você colhe palavras? É pedido que os participantes pensem nessa pergunta e escrevam suas respostas para que possam ser retomadas em outro momento. A atividade segue com a apresentação da autora Carolina Maria de Jesus, nesse momento são apresentadas imagens da autora, de suas obras, se apresenta a biografia da autora e algumas produções existentes atualmente sobre Carolina e sua literatura.

O segundo momento é reservado a uma explicação sobre a literatura afrofeminina, compreendida e formulada aqui com base nas reflexões e associações entre as ideias de (EVARISTO, 2009) e (FERREIRA, 2013), como uma literatura produzida por mulheres negras e construída nos/ pelos atravessamentos aos quais a mulher negra vivencia nessa sociedade, inteseccionalizando classe – raça – gênero. Sendo também uma literatura que resgata tradições ancestrais africanas e afro-brasileiras, que resgata e registra a dispersão diáspórica vivenciada pelo povo negro. Feita essa reflexão, o momento seguinte foi direcionado para o mergulho na obra de Carolina Maria de Jesus. Nesse momento foi lançada a segunda pergunta reflexiva: o que te indigna? E foi mais uma vez pedido que os participantes fossem refletindo sobre a pergunta e escrevessem suas respostas para retomar depois. Seguiu-se com a análise de trechos das obras da autora tendo como primeiro eixo reflexivo: ler e escrever como exercício para suportar o mundo. O segundo eixo reflexivo que deu continuidade as leituras e análises de trechos das obras foi: escrever como vingança, nessa parte as reflexões eram muito voltadas para o caráter de denúncia social da escrita da autora. Em seguida é lançada a terceira pergunta reflexiva: o que te acende? O mesmo pedido é feito, que reflitam sobre e escrevam suas respostas. Damos prosseguimento a leituras de partes das obras refletindo agora sobre um terceiro eixo: a escrita como lugar de memória subjetivas e coletivas. Após esse bloco reflexivo vem a última pergunta: o que te faz esperar? Mais uma vez é solicitado que os participantes anotem suas respostas.

No terceiro e último momento da oficina foi feita uma roda de conversa para compartilhamento das impressões, dos afetamentos e das escrevivências construídas a partir das perguntas reflexivas feitas ao longo da oficina. Nesse momento todos os participantes puderam falar, expor como se sentiram afetados pela atividade, pela obra de Carolina Maria de Jesus e quem se sentiu a vontade compartilhou com o grupo suas respostas e reflexões registradas ao longo de toda a atividade.

3. RESULTADOS

A oficina *Escrevivência Poética e Política na Obra de Carolina Maria De Jesus* foi, em suma, uma imersão na literatura afrofeminina através da obra da autora. Um mergulho numa literatura que atravessa, que remexe as memórias individuais e coletivas, provocando afetamentos dos mais diversos, indo fundo no nosso interior e nos levando a pensar sobre realidades sociais e políticas. Mas, também é a escrita afeitiva, também é a literatura que resgata memórias de saudade, que faz lembrar dos ensinamentos dos nossos mais velhos, que faz acreditar que outras possibilidades são possíveis ao povo preto.

A escrita afrofeminina trás consigo toda a fluidez, acidez, prazer e dureza da vida. Uma das participantes da oficina escreveu: “essas autorias da negritude podem ser árvores frutíferas e de força vital, a partir das diversas colheitas das vivências cotidianas, traçadas pela ancestralidade de povos que foram negados, de corpos que foram brutalmente massacrados, linguagens apagadas.” (M. A. 2021). Corroborando com esse pensamento, Evaristo (2020, p.223) afirma que o fazer literário das mulheres negras, para além e um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, um que abriga todas as suas lutas dessas mulheres. Toma-se o lugar da escrita como direito, assim como se toma o lugar da vida.

Carolina Maria de Jesus, assim como outras escritoras negras, inventou para si um desconcertante papel de escritora. Por vezes escrevendo como exercício para suportar o mundo. Como é possível observar no trecho: “(...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.” (JESUS, 2005, p.19). Em outros momentos produzindo uma literatura que é capaz de ser utilizada como vingança, que segundo Evaristo (2020, p. 219) seria um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda executar um gesto de teimosia e/ou esperança.

Mas sobretudo, sendo um lugar de memória. Como dizia a grande intelectual Lélia Gonzalez, a memória inclui o que a consciência exclui. Assim, essa literatura é lugar de construção e resgate de memórias coletivas, registrando uma narrativa que a história “oficial” insiste em apagar. E é tão potente porque se faz na vivência cotidiana de mulheres, homens e crianças negras, traduzindo suas relações, modos de ser e estar no mundo, táticas e movimentos de existência e resistência.

A oficina, além de propor uma mergulho intenso na obra de Carolina, também proporcionou as/aos participantes a possibilidade de exercitar o lugar da autoria a partir das reflexões que permearam toda a atividade e das perguntas reflexivas – onde você colhe palavras? O que te indigna? O que te acende? O que te faz esperar? - lançadas em momentos estratégicos. Elas e eles foram estimuladas/os a buscar em suas memórias individuais elementos que construíam as narrativas de suas escrituras. Sobre essa experiência, um trecho escrito por uma participante avalia: “Ser motivada a me expressar e libertar meus sentimentos, a partir de minhas vivências... A escrita se tornou fluida que nem a água de Oxum, mágica e acalentadora.” (M. A. 2021)

Em tempo, terminamos essa experiência com a reflexão anunciada na celebre frase de Conceição Evaristo, “A nossa escrituras não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”. Certas da continuidade, pois nessa gira da memória, a transformação é inacabada e a ancestralidade é a continuidade...

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face. In: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros (org). **Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora**. 2. ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

EVARISTO, Conceição. (2009). **Literatura negra**: uma poética de nossa afro brasilidade. Scripta, **13**(25), 17-31. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365> acesso em 18 de Maio de 2021.

FERREIRA, Amanda Crispim. **Escrituras, as lembranças afrofemininas como um lugar de memória afro-brasileira**: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. 2013. 114f. Dissertação (Mestrado em

Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014.